O que o Espírito diz às igrejas – Apocalipse 1,1–3,22

Quando começamos a ler o livro do Apocalipse, um misto de surpresa e curiosidade medrosa nos invade, com freqüência. Afinal de contas, trata-se de "uma revelação de Jesus Cristo... para que mostrasse aos seus servos as coisas que devem acontecer muito em breve" (1,1).

A pergunta que surge imediatamente é: qual a mensagem do Apocalipse para nós hoje? Qual chave de leitura seria mais adequada?

Antes de mais nada, consideremos pacificamente a autoria do Apocalipse, como sendo do apóstolo João. Na verdade a discussão ainda continua, mas as tradições mais antigas apontam nesta direção. Quanto à data de composição, a briga é mais acirrada.

Na introdução à *Bíblia de Jerusalém* M.E. Boismard admite a possibilidade de que tenha sido composto sob o reinado de Domiciano, pelo ano 95, ou ainda (pelo menos em parte), sob o reinado de Nero, antes de 70.

Essas indicações para a época de composição decorrem da interpretação de Ap 17,9b, identificando "os sete reis" com sete imperadores romanos. Na opinião de Boismard, o sexto rei, que "existe" ainda, seria Nero[1].

O TEMPO QUE SE CHAMA "BREVE"

O quarto evangelho (a identidade entre este Evangelho e o Apocalipse é reconhecida) está cheio de expressões do tipo "sua hora", em referência a Cristo. Esta expressão se refere à "hora escatológica", ao "tempo do messias" (Jo 2,4; 4,21.23; 5,25.28; 7,30; 8,20; 12,23.27; 16,32; 17,1). Com este mesmo sentido, ou paralelo, encontramos ainda em Mt 24,36; 26,45 e Lc 22,53.

1. Citado por Tarcísio STRAMARE. Apocalipse. In *Introdução à Bíblia*. Vol. V/2, p. 486.

O termo não significa necessariamente, na Bíblia, uma "hora" determinada pelo relógio ou calendário. Devemos ter presente a idéia transmitida pelos salmos: "... mil anos são aos teus olhos como o dia de ontem que passou" (Sl 90,4).

Contudo, ao longo da história, nem sempre se interpretou dessa maneira. Diversas foram as interpretações que basicamente podem ser resumidas em três grandes linhas:

* Interpretação Histórica.

* Interpretação Profético-Histórica.

* Interpretação Escatológica.

Nenhum desses sistemas é absoluto em si mesmo. Em cada um deles podem ser encontrados elementos dos demais. Na exegese moderna, a tendência é pelo ecletismo, ou seja, adotar alguns elementos de cada sistema.

1. *O Sistema da interpretação histórica, ou da história contemporânea*, foi desenvolvido principalmente por exegetas não católicos. Segundo este sistema, o Apocalipse se referiria a acontecimentos políticos de sua época. As comunidades cristãs estariam aguardando ansiosamente o fim do mundo, que consideravam iminente.

1.1. As imagens e a própria linguagem teriam sido tiradas do gênero literário "apocalíptico", judaico. O assunto não seriam fatos passados apresentados como profecia futura (característica desse gênero literário), mas de considerações a respeito do que deveria ter acontecido, levando em conta a situação contemporânea do autor.

Este sistema tem a desvantagem de atribuir ao autor do Apocalipse a aceitação da teoria milenarista e a lenda do "Nero redivivo" (interpretação de 17,8, considerando a "besta que existia" como o imperador Nero).

Partindo dos números citados em Daniel (Dn 9,24-27) e no Apocalipse (Ap 20,4-10), as Testemunhas de Jeová predisseram o fim deste mundo para 1914; os Adventistas, primeiramente para 1843 e depois para 22 de outubro de 1844.

1.2. Dentro deste sistema, podemos situar ainda o *histórico-religioso*, que considera o Apocalipse como uma resposta aos diversos movimentos religiosos pagãos antecedentes ou contemporâneos.

Rejeitar o sistema de interpretação histórica não significa negar que a história contemporânea tenha fornecido elementos ao autor. Significa apenas rejeitar a absolutização deste aspecto.

Esta teoria está voltando à moda, nas igrejas que adotam uma postura fundamentalista e interpretam a história dentro da teoria milenarista.

2. *O Sistema de interpretação profético-histórico* distingue-se do anterior graças ao caráter profético. Subdivide-se em duas correntes:

2.1. *O Apocalipse profetizaria as dificuldades, as perseguições sofridas pela Igreja primitiva* (durante os três primeiros séculos) por parte do Judaísmo, no início, e por parte do paganismo, em seguida, até a queda da Roma pagã e triunfo do Cristianismo.

Nos últimos anos, as comunidades cristãs na América Latina têm buscado na leitura do Apocalipse uma mensagem de esperança. Embora as conjunturas tenham mudado, as diversas formas de perseguição sofridas pelas comunidades de hoje as levam a se identificar com os cristãos dos primeiros séculos.

Neste sentido, o Apocalipse passou a ser lido como um livro escrito para as comunidades de hoje, relido no contexto de perseguição pelo latifúndio, pelos grupos de extermínio ou de massificação idolátrica pelos Meios de Comunicação Social.

2.2. *O Apocalipse descreveria toda a história da Igreja, desde as origens até a Parusia.* Esta idéia se apóia num enunciado de Santo Agostinho, desenvolvido depois por Joaquim de Fiore (monge calabrês, morto em 1202). Joaquim dividiu o Apocalipse em oito partes, correspondentes a oito épocas da história da Igreja.

A base de tal sistema é a repartição das épocas entre as pessoas divinas. A época do reinado do Filho, inaugurado com a encarnação, será sucedida pela do Espírito Santo, caracterizada pela vida monástica, que poria em prática o "evangelho eterno" (Ap 14,6). Segundo os discípulos de Joaquim, ele mesmo se identificava com o anjo anunciador do evangelho eterno.

Ainda segundo esta teoria, a época de Joaquim teria sido a quinta na história cristã, e a seguinte, a sexta, seria a da luta do anticristo. Na sétima época, viria o reino de mil anos concluído depois com os últimos assaltos de Satanás. A oitava época seria a do juízo universal e da Glória.

A teoria de Joaquim de Fiore serviu de motor a diversos movimentos cismáticos e heréticos, na Idade Média.

3. Segundo o *sistema de interpretação escatológica*, o Apocalipse interpreta toda a história do cristianismo como "os últimos tempos", ou seja, o último período da peregrinação da humanidade sobre a terra. Esta história contém certos fatos que se repetem e sucedem, como estereótipos da luta entre o bem e o mal. Esse drama perdurará enquanto durar o mundo.

3.1. Este sistema é mais eclético do que os anteriores, pois adota também elementos da *teoria da recapitulação*. Segundo esta teoria, o Apocalipse é muito repetitivo. As quatro narrativas onde entram sete elementos, na verdade seriam maneiras de transmitir a mesma mensagem.

Dentro desse sistema se insere também a opinião de Eugênio Corsini: "No setenário das cartas João nos dá, portanto, uma representação abrangente dos modos e das fases em que se atuou a 'revelação de Jesus Cristo'... Na primeira situação (1,10) vimos uma alegoria da revelação antiga... A revelação antiga é indireta, e conseqüentemente obscura e imperfeita... A segunda, ao invés, é direta, clara e completa, e está em condição de esclarecer a revelação precedente com a qual, portanto, substancialmente coincide"[2].

3.2. Um outro tipo ainda de interpretação, defendido por Ugo Vanni, é o *histórico-litúrgico*[3].

Este sistema, seguindo algumas indicações derivadas do texto, considera a liturgia cristã como o "lugar privilegiado" de interpretação do Apocalipse.

UMA PROFECIA EM SETE ITENS

João se coloca dentro da tradição dos antigos profetas, de várias maneiras:

– Define seu livro como uma profecia (Ap 1,3; 22,7.10.18) e se apresenta como profeta (22,9).

2. Eugênio Corsini. *O Apocalipse de São João*, p. 96.

3. Ugo Vanni. *Apocalisse: Esegesi di Brani Scelti*. Fascicolo I, p. 7.

– Descreve, a partir de 1,9, o local, o dia, e apresenta quem lhe deu a missão (Is 6,1; Jr 1,1-19; Ez 1,1; Os 1,1-2; Mq 1,1; Hab 1,1; Sf 1,1; Zc 1,1.7; 4,8; 6,9; 8,1; Ml 1,1) conforme a tradição dos escritos proféticos.

– O único título que adota é o de "testemunha de Jesus" (1,9).

– Apresenta Jesus Cristo como a única garantia de autoridade para o que diz (1,8).

– Exorta e ameaça, descrevendo o caminho das pessoas para Deus.

O dom da profecia era muito difundido na Igreja primitiva (At 11,27-30; 13,1; 21,9-11; 1Cor 12,28-30; 14,1-5.24; Ef 2,20; 4,11). A missão principal do profeta era a de manter o povo fiel a Deus. Ocasionalmente podia anunciar algum acontecimento futuro, ou realizar algum ato extraordinário, mas isto para favorecer ainda mais sua missão.

O Apocalipse nos apresenta os *dois tipos de profetismo*: As cartas (capítulos 1–3) pertencem ao gênero *profético ordinário*, chamando a atenção sobre a vida moral das Igrejas e a fé. A segunda parte (4–22) apresenta *visões sobre o futuro*. João entretanto não se detém sobre o castigo que Roma receberá, pois o verdadeiro triunfo é o de Cristo, simbolizado nas núpcias do Cordeiro (19,7; 21,9; 22,17).

Conforme dissemos acima, a missão do profeta era principalmente zelar pela fidelidade do povo a Deus. João se apresenta como profeta, portanto falando em nome de Deus, a sete comunidades bem reais, nomeadas e conhecidas.

Por que somente a sete comunidades, e por que a essas sete?

Recordemo-nos de que o número sete, na Bíblia, significa globalidade, universalidade. João, escrevendo às sete comunidades, escreve na verdade à Igreja inteira. É possível que as comunidades em questão tenham sido escolhidas por, pelo menos, dois motivos muito importantes: primeiro por sua história – passada e contemporânea – servir de modelo, de estereótipo às outras comunidades; segundo porque João era bem conhecido nelas.

As sete cidades situadas na Ásia Menor faziam parte de uma província romana. Economicamente falando, eram importantes pelo que produziam, e estavam interligadas por uma estrada imperial que alguns historiadores chamaram de "a estrada do correio".

Sabemos que as comunidades joaninas (podemos considerar também as igrejas citadas no Apocalipse?) sofreram muito, a partir do I século, com divisões internas provocadas por correntes gnósticas e influências dos cultos pagãos.

O caminho para a inclusão dos escritos joaninos no cânon do Novo Testamento foi inclusive longo e cheio de conflitos[4].

Na época em questão, a Ásia Menor era, geograficamente, o ponto de encontro entre o Ocidente e o Oriente. Para lá convergiam mercadores, políticos e, naturalmente, as diversas religiões. Rapidamente o fenômeno da mistura religiosa apareceu, com suas diversas formas.

"No tempo do Apocalipse, e nos últimos anos da longa vida do apóstolo amado, de modo algum se achava afastado o perigo dos gnósticos e das religiões mistéricas. Nosso livro, em particular nas cartas às igrejas, faz ainda amplas alusões a respeito."[5] Mas o perigo para as comunidades cristãs não se resumia no gnosticismo.

4. Sobre os conflitos internos nas comunidades joaninas, pode-se ler a tese de doutorado de Vincent Costa. *História e fé na comunidade joanina segundo Raymond E. Brown*.

5. H.M. Féret. *O Apocalipse de São João*, p. 16.

Desde épocas remotas, nas diversas culturas, a religião estava ligada ao sentimento nacionalista, ao poder civil. Recordemos que, em muitas culturas, o rei era considerado filho de Deus. Também o império romano procurou legitimar o poder do imperador divinizando-o.

A história nos relata que Júlio César foi o primeiro imperador a receber culto, ainda em vida. Tal culto se desenvolveu de modo especial no Oriente, sob o reinado de Otávio Augusto. Mas a adoração universal do imperador se tornou obrigatória nos séculos II e III.

Domiciano, em cuja época situamos mais ou menos o nosso Apocalipse, obteve do senado romano, para si e sua esposa, o título de divindade, e a obrigatoriedade de culto. Mandou gravar sua efígie ao lado dos deuses Júpiter e Minerva. Fez-se aclamar "nosso senhor e nosso deus".

É evidente que tal culto devia provocar não pequeno problema para aqueles que não concordassem em fazer semelhante profissão de fé – leia-se cristãos.

As cartas às sete igrejas, na realidade cartas a todas as igrejas, a todas as comunidades, vêm chamar a atenção dos cristãos para a fidelidade "àquele que era, àquele que é, àquele que virá" (1,8), ou seja, ao mesmo Deus que aparecera a Moisés (Ex 3,13s) e aos profetas. O mesmo Deus continua presente na caminhada das comunidades cristãs, o povo de Deus, o Novo Israel.

ESTRUTURA E MENSAGEM

As cartas às igrejas são, na verdade, uma única mensagem articulada em sete partes. O número sete, símbolo de universalidade, sugere que as cartas foram escritas não apenas às comunidades citadas, mas a toda a Igreja.

O esquema de cada carta é cuidadoso, em sete partes:

– Endereço
– Auto-apresentação do Cristo (lembrando o Antigo Testamento: "assim fala Javé")
– Julgamento da Igreja: elementos positivos
– Julgamento da Igreja: elementos negativos
– Chamada de atenção particularizada
– Chamada de atenção universal ("quem tem ouvidos, ouça")
– Promessa em perspectiva escatológica ("ao vencedor darei")

É sempre o Cristo quem fala. "O nosso autor escreve as cartas com a convicção de quem fala em nome de Cristo. As cartas constituem, mais do que qualquer outra parte do Ap, um discurso profético dirigido às Igrejas do tempo e do lugar. Estas cartas contêm portanto a preparação, a mensagem pastoral que o nosso autor se sente levado a dirigir às Igrejas que conhece[6].

São realmente cartas, ou trata-se apenas de um artifício literário? Hoje são poucos os exegetas que duvidam do caráter real das cartas. Foram escritas, entretanto, para serem lidas juntas, ou seja, conforme dissemos acima, a mensagem é uma só. Trata-se, portanto, de uma única grande carta, que serve de introdução a todo o livro.

6. Pierre Prigent. *O Apocalipse*, p. 45.

Eugênio Corsini propõe que o fio condutor para a leitura dessas sete cartas, seja o esquema da "História da Salvação"[7]. Assim, na carta à Igreja de Éfeso, a referência ao abandono do primeiro amor (2,4) seria o correspondente neotestamentário à queda dos primeiros pais (Gn 3,2). A carta a Esmirna fala da perseguição sofrida pelos cristãos, perpetrada pelos judeus da "sinagoga de Satanás" (2,9). Evocaria assim o período passado no Egito, considerando os "dez dias" de sofrimento um paralelo das dez pragas.

A terceira carta, a Pérgamo, traz uma referência ao episódio de Balaão e Balac (2,14; Nm 25,1; 31,16), ao "maná escondido" (2,17; Ex 16,32; Hb 9,4), e à "pedra branca". Estas referências evocariam o período posterior ao êxodo, da permanência do povo na terra de Canaã. A carta a Tiatira menciona a prosperidade material e espiritual da comunidade. Seria esta uma referência direta ao período de Davi-Salomão (1Rs 1,47; 11,1).

A carta à igreja de Sardes refletiria o estado de abandono e desolação sofrido pela destruição dos reinos de Israel e Judá, com a deportação para a Assíria e Babilônia. Na comunidade sobrevive apenas um resto, que evoca o "resto de Israel" de que falam Isaías (Is 1,9; 6,13; 65,8) e Ezequiel (Ez 37,1).

A sexta comunidade, Filadélfia, é elogiada pela sua perseverança. Nas promessas, há uma concentração de imagens que evocariam o período de reconstrução pós-exílico.

A sétima carta, à comunidade de Laodicéia, a única em que não encontramos algum elogio, exprimiria o julgamento do Judaísmo que não reconheceu em Jesus Cristo o Messias anunciado.

Segundo esta simpática proposta, o nosso Apocalipse seria uma "catequese" para as comunidades cristãs.

Ainda assim, devemos considerar o problema de fundo mais sério que ameaçava as comunidades: as correntes hermenêuticas internas, que desaguavam em heresias.

Sabemos que as primeiras comunidades sofreram muito nos primeiros séculos por causa das diversas tendências. Por outro lado, foi justamente por causa dessas heresias que se desenvolveram as grandes linhas teológicas, legitimadas pelo magistério.

As causas geralmente apontadas, do aparecimento das heresias, são:

1º) Ambição de riqueza (At 8,9-13.18-24; 1Tm 6,2b-10) ou poder religioso (é o caso de um certo Tebutis, conhecido através de textos patrísticos, mas não mencionado no Novo Testamento).

2º) Sincretismo, entendido como tendência a confundir os elementos (ritos, doutrinas) de diversas religiões. Eram de três tipos: os *judaizantes* (At 15,5-29; Gl 1,6-9; 4,8-9; 5,2-4; 1Tm 4,1-7; Tt 1,10-15; Ap 3,9), os *helenizantes* (os gnósticos), os *paganizantes* = práticas idolátricas junto com o cristianismo (1Cor 10,7-33; Ap 2,14.20).

Na prática, o sincretismo era uma grande mistura: sacramentos, sacrifícios aos deuses, adoração a Deus junto aos poderes, incompatíveis com o senhorio de Cristo (Cl 2,16-23).

7. Eugênio Corsini. *Obra citada*, p. 117.

3º) As rivalidades religiosas (1Cor 1,10-16; Fl 1,15-18).

4º) A permissividade a serviço das paixões, que se justificava com motivações religiosas (1Cor 6,12-20; 10,23-24; Ap 2,20), e que, no fundo, negava a ressurreição na carne – ou seja, a de Cristo (1Cor 15,32), dando razão ao desprezo do corpo e da matéria (Gl 5,13-15) e à negação da encarnação (Cl 2,1-3). Também Paulo foi acusado de permissivismo (Rm 3,1-8; Gl 3,5; Fl 3,1-21).

Dentre todas as heresias do I século, destaquemos três, que nos chamam a atenção:

SEGUIDORES DE CERINTO

Durante a pregação dos apóstolos na Palestina, um judeu chamado Cerinto, ao que parece, nascido no Egito, se converteu e foi batizado. Formou, entretanto, um grupo de judaizantes, que se opunha ao batismo dos gentios (At 11,2) pretendendo que seguissem primeiro a Lei de Moisés, com a circuncisão. Temos notícias que falam de Cerinto seguindo Paulo, a fim de desfazer a obra do apóstolo, assim que partia para outra comunidade. Em 1Tm 1,4-7 vemos uma referência a esta doutrina, enfrentada por Timóteo. E Irineu menciona o fato de João ter se oposto a Cerinto, em Éfeso, onde o apóstolo residiu por algum tempo.

Em sua doutrina, dizia que havia recebido a visão de um anjo a fim de completar a revelação feita parcialmente a Jesus Cristo (Gl 1,8). Afirma uma tradição que foi contra ele que João escreveu o seu evangelho.

Para Cerinto, o Evangelho era uma mistura de sua exegese sobre a Lei Mosaica, com doutrinas gnósticas helênicas e mistérios persas. Doutrina aparentada com os ebionitas, defendia o nascimento natural de Jesus a partir de José e Maria.

Distinguia o Deus Supremo do *demiurgo*, que teria criado a matéria. O Cristo provinha de Deus para resgatar o espírito da criação do demiurgo, não poderia encarnar-se a não ser aparentemente. Assim sendo, o Cristo teria pregado através da carne de Jesus o caminho moral para a salvação. Porém uma vez que Jesus foi preso pelas forças do mal, o demiurgo o abandonou durante a paixão e retornou ao céu.

Contra essa doutrina, vemos uma reação em 1Jo 2–4 (confira especialmente 1Jo 4,2-5) e também em Ap 1,4b-6, onde João apresenta as credenciais de "Jesus Cristo".

O PRÉ-GNOSTICISMO

A base dessa doutrina eram os mitos.

Os pontos a destacar são:

– Negação do Deus do Antigo Testamento.

– O mundo teria sido criado pelos "elementos" maus (Gl 4,3.9; Cl 2,8). A existência do mal no mundo estaria explicada: são espíritos das estrelas, cujos poderes dominam a matéria, que provocariam as desgraças.

– Jesus é somente um doceta.

– Praticavam o esoterismo para controlar os poderes do mal.

– Idolatria (dos poderes) e outras práticas de tipo ascético e imorais.

– A Lei do Antigo Testamento teria sido imposta por um criador mau. Portanto a pessoa livre é aquela que não a observa.

– Submissão aos "elementos" ou "senhores" através da abstinência de alimentos que transmitem o mal (Cl 2,10-23; Gl 4,8) e festas (Cl 2,16).

– A salvação é conseguida através do conhecimento das origens. A alma é uma centelha divina perdida na matéria. Uma vez descobertas as "senhas", o caminho estaria aberto para retornar a Deus (Cl 2,8.20-23).

– A ressurreição da carne é simbólica e já aconteceu para o iniciado. Significa o conhecimento da verdadeira essência do ser humano e a libertação de seu corpo.

Para os gnósticos, o Cristo é apenas um mestre iluminado, um profeta ou rabino (no caso dos judeus).

As conseqüências, eram:

– Desprezo total da matéria e do corpo, com a negação da possibilidade de ressurreição, o que levava a dois extremos:

– *negação de todo o corpo*, com um ascetismo rigoroso, que condenava o matrimônio, o uso matrimonial do sexo, e a proibição de certos alimentos "impuros" (1Tm 4,3-5; 5,23; 2Tm 2,18; Tt 1,14-15).

– *permissivismo total*, pois o espírito já ressuscitou e o corpo não tem salvação, e portanto pode ser tratado como simples animal (Gl 5,13-16).

O NICOLAÍSMO

As cartas às sete igrejas transpiram uma preocupação constante com uma corrente de origem judaico-cristã. No caso de Éfeso, a heresia é alijada da igreja (2,2). Em Esmirna e Filadélfia, a heresia é distinta da comunidade cristã ("sinagoga de Satanás", 2,9; 3,9). Mas no caso de Pérgamo e Tiatira é tolerada (2,14.24) e parece dominar Sardes e Laodicéia (3,1.17).

A heresia em questão é mencionada em 2,6-15.20-24 – os *nicolaítas*, citados várias vezes na literatura heresiológica dos primeiros séculos.

Trata-se de uma seita libertino-gnóstica que pretendia ser a herdeira doutrinal do diácono Nicolau (citado em At 6,5). Ao que parece, contudo, os seguidores assim fazendo pretendiam apenas legitimar sua doutrina esotérica, recorrendo à tradição apostólica. Sua doutrina consistia em negar a salvação, a ressurreição do corpo. A carne é corrompida por natureza e portanto se desfaz. Deve-se desprezar a carne corrompida. Não há necessidade de se cuidar do corpo.

A doutrina supunha um total permissivismo, mesmo sexual. Admitiam a idolatria, já que nada se podia fazer para salvar o corpo. As carnes imoladas aos ídolos serviam unicamente para alimentar o corpo, sem corromper o espírito. Assim, não havia necessidade de abster-se da idolatria.

Fora do Apocalipse, encontramos Paulo condenando esta doutrina em Rm 6,15; 8,1-13 e 1Cor 6,9-20.

O problema levantado pelo aparecimento desta heresia era fundamentalmente o do relacionamento com o mundo pagão e idólatra contemporâneo.

Temos notícias comprovadas de que o culto ao imperador era amplamente praticado em Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Sardes, Filadélfia. Provavelmente também nas demais o culto fora praticado desde o seu edito.

Os nicolaítas apregoavam que era necessário estar bem com todos. Este "convívio tranqüilo", entretanto, escondia um laxismo moral perigoso para a perseverança dos cristãos. Levava quase sempre a compromissos ideológicos com o gnosticismo.

Ao mesmo tempo, as perseguições dos judeus e helenistas instigados por eles, reforçadas ainda mais com a tragédia da destruição de Jerusalém, provocavam um abalo forte na fé de não poucos cristãos. Muitos lamentavam que o Senhor demorava a intervir (6,9-11; 20,4).

A "grande tribulação" (= perseguição) não terminara ainda, mas João procura consolar os cristãos, reanimando a todos (7,14; 17,6; 18,24; 19,2).

O grande perigo é o cansaço, o desânimo, o deixar-se seduzir. O remédio para este mal é a perseverança, vocábulo que ocorre sete vezes (também ele!) no Apocalipse, seis delas dentro de nossa perícope (1,9; 2,2.3.19; 3,10; 14,12). A palavra evoca também Mt 24,13; Mc 13,13; Lc 21,19; Hb 10,36.39.

A virtude da perseverança é baseada na esperança, conforme vemos em 1Cor 1,5-7; 1Ts 1,3; Hb 10,37, que a reaviva sempre mais (Rm 5,3-5; 15,4-5; 2Pd 1,6-8) aumentando a alegria (At 5,41; 2Cor 7,4).

A preocupação do profeta, portanto, é preparar os cristãos para a luta anunciada já, mas com a vitória de Cristo garantida. Embora a "grande tribulação" continue, os cristãos devem ser otimistas e perseverar em sua fé, pois sabem que assim agindo serão vencedores com o Cristo que promete "ao vencedor" tudo aquilo que os profetas e fiéis a Deus de todos os tempos desejaram.

RECORDANDO

As cartas às sete igrejas são realmente cartas, ou melhor, uma única carta dirigida à Igreja inteira, de caráter profético.

A preocupação de João ao escrever essa carta, que introduz todo o livro do Apocalipse, foi dar um novo alento à Igreja, diante das perseguições e das disputas e divisões internas das comunidades.

Colocou as comunidades realmente em guarda, contra as heresias que apregoavam um relaxamento moral dos costumes, para estar bem com o mundo circunstante.

Ressurgem em nossos dias, em nossas comunidades, "tendências religiosas com rótulo novo", mas com doutrinas tão antigas quanto o Cristianismo. A fé está sendo provada hoje, como nos tempos do apóstolo João, na medida em que se apregoa através dos diferentes meios de comunicação um laxismo moral que escraviza o ser humano, transformando seu corpo em objeto de consumo, de prazer sem compromisso. "Novas doutrinas" apregoam que a religião do momento deve ser aquela que reúne de todas as religiões o que cada uma tem de bom, verdadeiro e cósmico.

Para nós hoje, como para os cristãos de seu tempo, o Apocalipse repete: *"quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às Igrejas"*.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BORN, A. van den (Org.). *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. Editora Vozes, Petrópolis, 1977, 2ª Edição.

CASTRO, Flávio Cavalca de. *O Apocalipse Hoje*. Editora Santuário, Aparecida, 1982.

CORSINI, Eugênio. *O Apocalipse de São João*. Edições Paulinas, São Paulo, 1984.

COSTA, Vincent. *História e fé na comunidade joanina segundo Raymond E. Brown*. Excerpta ex dissertatione ad Doctoratum in Facultate Theologiae Pontificiae Universitatis Gregorianae, Roma, 1991.

ELLUL, Jacques. *Apocalipse – Arquitetura em movimento*. Edições Paulinas, São Paulo, 1980.

FÉRET, H.M. *O Apocalipse de São João*. Edições Paulinas, São Paulo, 1968.

FERRARO, Giuseppe. *Lo Spirito e Cristo nel Vangelo di Giovanni*. Paideia, Brescia, 1984.

GONZALEZ, Carlos Ignacio. *Cristologia e Sviluppo Teologico*. Ad uso degli studenti della PUG. Pontificia Università Gregoriana, Roma, 1989.

GORGULHO, Gilberto S. e ANDERSON, Ana Flora. *Não Tenham Medo*. Edições Paulinas, São Paulo, 1977.

PRIGENT, Pierre. *O Apocalipse*. Edições Loyola, São Paulo, 1993.

SCHICK, Eduard. *O Apocalipse*. Editora Vozes, Petrópolis, 1980.

SCHREINER, J. e DAUTZENGERG, G. *Forma e Exigências do Novo Testamento*. Edições Paulinas, São Paulo, 1977.

VANNI, Ugo. *Apocalipse*. Edições Paulinas, São Paulo, 1984.

VANNI, Ugo. *Apocalisse: Esegesi di Brani Scelti*. Fascicolo 1. Ad uso degli studenti del PIB. Pontificio Istituto Biblico, Roma, 1990.

VV.AA. *Il Messaggio della Salvezza*. Vol. 8. LDC, Torino, 1990.

VV.AA. *Uma leitura do Apocalipse*. Edições Paulinas, São Paulo, 1983.

VV.AA. *A la découverte de la Bible*. Vol. 1, Éditions Ouvrières, Paris, 1980.

VV.AA. *Introdução à Bíblia*. Vol. V/2, Editora Vozes, Petrópolis, 1969.

VV.AA. Apocalíptica – Esperança dos pobres. *RIBLA – Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, nº 7, 1990, Vozes – Sinodal.

Sérgio Henrique Garcia de Braga Mello
Rua de Santana, 844 – Centro
Caixa Postal 531
65001-970 São Luís, MA